

Entre a casa e a rua: a percepção de adolescentes em situação de rua sobre o seu cotidiano

Between home and the streets: street adolescents' perception of their own daily lives

Bianca Karine da Silva¹, Waldez Cavalcante Bezerra², Mara Cristina Ribeiro³

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v28i1p100-109>

Silva BK, Bezerra WC, Ribeiro MC. Entre a casa e a rua: a percepção de adolescentes em situação de rua sobre o seu cotidiano. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2017 jan.-abr.;28(1):100-9.

RESUMO: Ainda é grande o número de jovens que faz das ruas seu local de sobrevivência, sendo estes marginalizados pela sociedade. Neste estudo, buscou-se uma aproximação ao cotidiano de nove adolescentes que vivem em situação de rua no município de Maceió, capital do estado Alagoas, Brasil. Trata-se de pesquisa qualitativa, cujos dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas e analisados com a técnica de análise de conteúdo. A apresentação e discussão dos resultados ocorreram a partir de três categorias temáticas: a ida para a rua; cotidiano na rua; e referência familiar. Constatou-se que esses adolescentes se expõem cotidianamente a conflitos e riscos, buscando estratégias diárias para suprir as suas necessidades básicas. No grupo estudado, a maioria mantém alguma referência familiar, contudo, situações de conflitos no lar, originárias do lugar social que essas famílias ocupam, tendem a fragilizar os vínculos existentes, podendo expulsar esses jovens de casa.

DESCRIPTORIOS: Adolescente; Vulnerabilidade social; Pessoas em situação de rua; Menores de rua; Família.

Silva BK, Bezerra WC, Ribeiro MC. Between home and the streets: street adolescents' perception of their own daily lives. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2017 Jan.-Apr.;28(1):100-9.

ABSTRACT: The number of young people trying to survive on the streets is still high, as they are marginalized by society. In this study, we aimed at getting to know the daily lives of nine adolescents who live on the streets of the city of Maceió, capital of the state of Alagoas, Brazil. This is a qualitative research produced from semi-structured interviews and analyzed with the content analysis technique. Results presentation and discussion occurred from three thematic categories: departure to the street; daily life on the streets; and family reference. We noted these adolescents are daily exposed to several conflicts and risks, having to search for strategies to meet their basic needs. In the group under study, most children had a family reference, however, conflicts at home, usually associated with the social background of these families, tend to weaken their existing bonds, which may lead to the expulsion of these minors from home.

KEYWORDS: Adolescent; Social vulnerability, Homeless persons, Homeless youth; Family.

Artigo apresentado ao curso de Terapia Ocupacional da UNCISAL, como requisito para a conclusão do curso e obtenção do título de graduação em Terapia Ocupacional.

1. Terapeuta ocupacional, residente em Saúde Coletiva pela Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco (ESPPE). Email: biancakarinet.o@hotmail.com.
2. Terapeuta ocupacional, professor auxiliar da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Mestre em Serviço Social. Email: waldezto@yahoo.com.br.
3. Terapeuta ocupacional, professora titular da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Doutora em Ciências. Email: marauncisal@yahoo.com.br.

Endereço para correspondência: Waldez Cavalcante Bezerra. Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas. Coordenação do Curso de Terapia Ocupacional, Rua Jorge de Lima, 113, Trapiche da Barra. Maceió, Al. CEP: 57010-382.

INTRODUÇÃO

Mesmo com o avanço das Políticas Públicas que visam proteger a infância e a adolescência, a existência de adolescentes em situação de rua ainda é um problema persistente que demanda esforços do Estado e da sociedade civil para a sua completa restrição. Ao fazerem das ruas seu principal local de sobrevivência, os jovens têm, cotidianamente, seus direitos violados e tendem a ser marginalizados por serem vistos como pessoas sem referência familiar.

A partir da década de 1980 identificam-se os primeiros estudos^{1,2} sobre a temática dos adolescentes em situação de rua. Inicialmente, tais estudos procuraram quantificar esta população e, posteriormente, para melhor conhecê-los, foram definidas tipologias baseadas em dois principais critérios: tempo de permanência na rua; e tempo de permanência na rua e vínculo familiar³.

A discussão foi desenvolvida ao longo dos anos 1990 por diversos pesquisadores^{4,5} que buscaram delimitar tipologias específicas para este público. Neste estudo, adota-se a tipologia definida pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) que, reconhecendo a heterogeneidade desse público, definiu duas grandes categorias: “meninos **na** rua” e “meninos **de** rua”. No primeiro grupo estão aqueles que passam grande parte do dia na rua, mas têm algum apoio familiar e retornam para casa à noite ou nos finais de semana; no segundo grupo estão os que passam mais dias e noites na rua e não recebem apoio familiar, não sendo necessariamente órfãos⁶.

É preciso apontar que a referência à família não deve ser associada ao padrão familiar tradicional, deve-se levar em consideração os diversos arranjos e composições de pessoas que cumprem a função de dar proteção e sustento para os seus membros, visto que as transformações sociais contemporâneas impuseram mudanças nos papéis e dinâmicas familiares⁷.

Independente da sua composição, a família se configura como um dos eixos da inserção relacional⁸ e determina a forma de existência social das crianças e adolescentes, além de fornecer os aportes afetivos e materiais imprescindíveis para o desenvolvimento. Assim, a compreensão do fenômeno de crianças e adolescentes que fazem das ruas seu espaço de sobrevivência e sociabilidade passa também pela reconstrução das trajetórias sociais vivenciada por estes e por suas famílias⁹.

Quanto aos fatores que levam os adolescentes à situação de rua, Ferreira¹⁰ aponta análises que partem de

causalidades micro, meso ou macro estruturais. Segundo o autor, no primeiro grupo estão os estudos que buscam a causa da situação de rua nas características individuais e psicológicas dos adolescentes e suas famílias; no segundo, os que estariam focados nas justificativas mais relacionadas às condições precárias de sobrevivência, à violência e à falta de recursos e oportunidades nas comunidades nas quais estes indivíduos estão inseridos; e no terceiro, aqueles que centram a discussão nos processos de globalização econômica e urbanização acelerada, que levam ao aprofundamento dos processos de exclusão e marginalização dos grupos mais vulneráveis.

Aqui, considera-se, em uma perspectiva de totalidade, que o fenômeno, muito provavelmente, seja uma síntese de múltiplas determinações, que acaba por mesclar considerações das várias abordagens, aumentando a complexidade do tema. A maioria desses adolescentes vem de famílias vulneráveis, com necessidades diversas e que não são capazes de se sustentar material e emocionalmente. A condição de pobreza associada à violência intrafamiliar e a falta de oportunidades na sociedade, faz com que estes adolescentes procurem o mercado de trabalho informal como forma de sobrevivência e suporte familiar. Por sua vez, essa condição deixa esses indivíduos expostos aos atrativos que a rua oferece, tornando-os mais suscetíveis a permanecer na rua, uma vez que esses atrativos servem como refúgio para suportar as condições de miserabilidade e os conflitos familiares^{10,11}.

Segundo Rizzini¹² a complexidade e a natureza progressiva do movimento para a rua é a consequência de uma mistura sutil entre os efeitos limitadores do meio social e espacial e a vivência do adolescente e seus próprios recursos (afetivos, identitários, sociais e físicos), desencadeando, aos poucos, o sentimento de não pertencimento em seu grupo familiar e, por consequência, despertando a vontade de saída para a rua.

Para Escorel¹³,

a vida nas ruas indica algum afastamento ou mesmo rompimento com as relações familiares, contudo quando o grupo familiar é tido como o motivo para viver nas ruas, em geral, encontram-se associados o uso abusivo de drogas, situações de violência doméstica, conflitos intrafamiliares e incapacidades físicas.

Nos casos em que a violência intrafamiliar está presente, exige-se que o grupo familiar promova mudanças em seu arranjo funcional, o que muitas vezes demanda apoio profissional ou de sua rede de relações. Quando isso não ocorre parece produzir-se um desgaste dos laços, que

pode ser vivido pelo adolescente como abandono, fuga ou expulsão do grupo familiar⁷.

No entanto, a vida na rua não se caracteriza apenas pelos laços familiares fragilizados ou rompidos e pela privação material, mas também pelas formas de organização próprias do cotidiano. Conhecer como esses indivíduos realizam as suas atividades cotidianas é indispensável para compreender os modos de vida existentes na rua e, conseqüentemente, para o planejamento de possíveis intervenções junto a eles¹⁴.

De acordo com Andrade¹⁵, o estudo do cotidiano das crianças e adolescentes em situação de rua revela que esses grupos desenvolvem diversas atividades (trabalham, mendigam, roubam, são explorados sexualmente, vendem e usam drogas). Para estes, a rua é um lugar de dinâmicas variadas, que oscilam entre o legal e o ilegal. A rua, nessa perspectiva, passa a substituir a própria família, impondo, em seu cotidiano, novos códigos e regras. A sobrevivência dessas crianças e adolescentes, e, muitas vezes, a de seus familiares, está diretamente ligada às estratégias para obterem ganhos e driblarem problemas graves em suas existências.

Em termos quantitativos, a primeira Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua, realizada em 75 cidades do Brasil e divulgada em março de 2011 pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, apontou que ao todo eram 23.973 crianças e adolescentes nessa condição no país, das quais 7.827 crianças e adolescentes dormiam somente nas ruas¹⁶. Em Maceió, capital do estado de Alagoas, região Nordeste do Brasil, dados divulgados pela Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) em 2014, apontaram que 30% das pessoas que vivem nas ruas da cidade estão na faixa etária de 0 e 17 anos de idade, correspondendo a 150 crianças e adolescentes, número que tem preocupado e desafiado as autoridades locais a buscar soluções para o problema¹⁷.

Considerando as implicações dessa realidade e tendo como pressuposto norteador a responsabilidade social que a Universidade deve assumir na formação dos profissionais que poderão atuar na área, o módulo de Terapia Ocupacional no Campo Social da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) tem desenvolvido nos últimos anos intervenções com estudantes nesse campo, colocando-o como cenário de práticas e estimulando a elaboração de pesquisas, desenvolvidas no grupo de pesquisa *Ensino e Pesquisa em Terapia Ocupacional* da UNCISAL, por meio das linhas de pesquisa *Intervenção Social em Terapia Ocupacional e Cotidiano*, *Cultura e Sociedade*.

Dentro desse contexto e partindo da hipótese de que o adolescente em situação de rua é resultado de problemas sociais amplos e que a situação de rua não implica

necessariamente na inexistência de referências familiares, foram formuladas as seguintes questões que deveriam ser investigadas de forma qualitativa: Quais as principais causas de ida para a rua dos adolescentes em situação de rua de Maceió? Quais atividades presentes no cotidiano destes na rua? Eles apresentam referência familiar?

À vista disso, o estudo aqui apresentado teve como objetivos conhecer o cotidiano de adolescentes em situação de rua no município de Maceió, capital do estado de Alagoas, Brasil; identificar as principais motivações para estes adolescentes irem para as ruas e verificar a existência de referências familiares.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas e aprovada em 16/07/2015 nº CAAE 46333515.7.0000.5011.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de campo, de caráter exploratório e qualitativo, realizado com adolescentes em situação de rua assistidos por uma equipe do Serviço de Abordagem Social, da Secretaria Municipal de Assistência Social de Maceió (SEMAS).

Durante a fase exploratória do estudo, no período de sua conceituação, foram realizadas reflexões com atenção simultânea acerca das questões da pesquisa, dos métodos a serem utilizados e possíveis locais que poderiam fornecer maiores subsídios materiais para o estudo, de acordo com a indicação de Stake¹⁸.

Após este refinamento e a definição dos métodos a serem utilizados, foram elaborados os instrumentos para a produção dos dados.

Desta forma, optou-se pela utilização de um roteiro de entrevista semiestruturado, complementado com um formulário para traçar o perfil dos adolescentes colaboradores do estudo. Tais instrumentos foram elaborados pelos pesquisadores a partir dos objetivos da pesquisa. O roteiro da entrevista continha questões abertas organizadas em três blocos temáticos: motivações para estar na rua, cotidiano na rua e família. Já o formulário coletava informações referentes à idade, sexo, escolaridade e território de localização.

A inserção no campo de pesquisa se deu após contato com a coordenação geral da Proteção Social Especial da SEMAS, que realizou o encaminhamento dos pesquisadores responsáveis pela investigação para a equipe de Abordagem Social da região administrativa II, a qual apresentou a dinâmica do serviço, o seu papel no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e os territórios cobertos pela mesma.

Tabela 1 – Perfil dos Colaboradores

Colaborador	Sexo	Idade	Escolaridade	Tipologia	Território de localização
Colaborador 01	M	12	Nunca frequentou a escola	“menino <i>de</i> rua”	Levada
Colaborador 02	M	15	Nunca frequentou a escola	“menino <i>de</i> rua”	Levada
Colaborador 03	F	16	Nunca frequentou a escola	“menino <i>de</i> rua”	Vergel do lago
Colaborador 04	M	17	Fundamental I	“menino <i>de</i> rua”	Ponta Grossa
Colaborador 05	M	17	Fundamental II	“menino <i>na</i> rua”	Centro
Colaborador 06	M	12	Fundamental I	“menino <i>na</i> rua”	Bom parto
Colaborador 07	M	16	Nunca frequentou a escola	“menino <i>na</i> rua”	Farol
Colaborador 08	M	17	Nunca frequentou a escola	“menino <i>na</i> rua”	Farol
Colaborador 09	M	15	Frequenta o fundamental II	“menino <i>na</i> rua”	Farol

Fonte: Elaboração própria

Estabeleceu-se como ponto de partida que todos os adolescentes encontrados em logradouros públicos, morando nesses locais ou exercendo quaisquer tipos de atividade econômica (lícita ou ilícita) na região de atuação da equipe de Abordagem Social da região administrativa II, seriam considerados como público-alvo e, portanto, abordados individualmente. Seriam excluídos os adolescentes que, após contato inicial, fosse verificado que não se enquadravam na tipologia de “menino na rua” e “menino de rua”. Após uma breve explicação do estudo e seus objetivos, era realizado o convite para participar e, aos que concordavam, seguia-se a leitura e assinatura do termo de assentimento livre e esclarecido. Neste momento também era solicitada a permissão para que a entrevista fosse gravada em áudio.

Assim, as entrevistas foram realizadas no período de 7 de agosto a 25 de setembro de 2015, duas vezes por semana e sempre no turno da manhã, horário este selecionado pela equipe da Abordagem Social, que segundo a mesma facilitaria o encontro de maior número de adolescentes no contexto da rua, por razões não informadas.

Ao longo de 15 idas ao campo de pesquisa, foram totalizadas aproximadamente 60h de permanência, tendo sido abordados 15 adolescentes; destes, 9 aceitaram participar do estudo e 6 recusaram por motivos não informados. Vale destacar que as duas primeiras idas ao campo, realizadas na companhia da equipe da Abordagem Social, foram destinadas a conhecer o território e alguns adolescentes, sendo as entrevistas iniciadas a partir da terceira ida. A Tabela 1 apresenta o perfil dos colaboradores.

O áudio das 9 entrevistas totalizaram 2 horas, 12 minutos e 44 segundos de gravação e foram transcritas na íntegra pelos pesquisadores. As transcrições foram analisadas com a técnica de análise de conteúdo, na

modalidade temática, tomando como base as proposições de Bardin¹⁹. Para tanto, foram realizados dois níveis de análise no material transcrito, o primeiro consistiu em um processo de decifração estrutural centrado em cada entrevista, ou seja, entrevista por entrevista, para depois, como indica Bardin¹⁹, partir para o segundo nível de análise, a saber, a transversalidade temática.

Esse processo contou com a participação de todos os pesquisadores e de acordo com as seguintes etapas: ler exaustivamente o material para identificação das ideias centrais, interpretar os sentidos destas ideias, agrupá-las em categorias temáticas mais abrangentes a partir das quais giraram as discussões e a redação do texto.

RESULTADOS

Com base na análise de conteúdo do material produzido nas entrevistas foram elaboradas as três categorias temáticas apresentadas a seguir: a ida para a rua; cotidiano na rua; e referência familiar. Serão utilizados fragmentos das entrevistas, que sejam representativos da temática em discussão, para melhor ilustrar o conteúdo das categorias em análise.

A ida para a rua

A primeira questão abordada nas entrevistas tratava sobre as motivações ou justificativas que os participantes davam para estar vivendo no contexto das ruas. As afirmações contidas nas falas dos entrevistados indicaram quatro principais motivos que os impulsionaram a viver nas ruas: vontade própria, acompanhamento familiar, fuga da experiência de violência doméstica e busca de trabalho e renda.

É preciso destacar, no entanto, que em afirmações simples, como “eu vim porque quis” pode conter outras significações.

Assim, no contexto da justificativa de decisão própria, foi possível detectar diferentes motivações.

“Eu vim sozinho! Porque eu quis [...] eles só não gostam quando eu uso droga [referindo-se à família] [...] porque é bom, ninguém manda em nós.” (Colaborador 01)

“[...] vim porque eu quis [...] porque matei um menino no beco da maravilha, aí meus pais não me querem lá em casa mais [...] eles não me querem perto”. (Colaborador 02)

“Eu vim porque eu quis. [...] Porque lá em casa não tem o que fazer, aí venho passar um tempo aqui, e aproveito e ganho uns trocados.” (Colaborador 05)

O acompanhamento de familiares também foi referido em diferentes situações. Foram citadas situações em que a família toda mora na rua.

“Eu vim para rua porque nós nunca tivemos casa, minha mãe nunca teve casa, sempre morou na rua, a vida toda.” (Colaborador 03)

E situações em que a família vai para a rua em busca de trabalho.

“Eu vim para rua porque meus irmãos vinham, aí eu quis vir também para trabalhar e ficar com eles, minha mãe deixava, até hoje ela deixa e ela também vem para rua.” (Colaborador 06)

A fuga da experiência de violência doméstica também foi referida como motivação.

“Eu saí de casa porque não aguentava mais ver meu padrasto batendo na minha mãe, toda vez que bebia batia nela e nos meus irmãos”. (Colaborador 04)

Na perspectiva de relações familiares conflituosas, no entanto, foi possível detectar relações que não chegam à violência, mas indiretamente impulsionam a ida do sujeito para as ruas.

“[...] eles são muito chatos, meu pai e minha mãe. A gente briga muito quando estamos juntos. Por tudo, por tudo é uma briga”. (Colaborador 05)

A busca de trabalho e renda também é referida como motivação para a saída de casa e, diferentes contextos estão inseridos nela. Alguns mencionaram o desejo de ir em busca de trabalho para comprar o que desejam.

“Porque eu preciso, para comprar minhas coisas”. (Colaborador 08)

Outros, apesar de afirmarem ter vindo para a rua para trabalhar, mencionam outras motivações, ligadas a esta justificativa.

“Vim para trabalhar. [...] ela [a mãe] briga é quando estou dentro de casa, e manda eu vir pra rua”. (Colaborador 07)

“Eu venho só pelo dia trabalhar. [...] Pra arrumar dinheiro para igreja, Projeto Força Jovem. [...] É que na igreja a gente tem que pagar uma meta de 100 reais, aí eu venho para o sinal vender e arrumar”. (Colaborador 09)

Cotidiano na rua

A partir das entrevistas foi possível evidenciar seis aspectos da vida na rua: atividades de higiene, atividades de alimentação, pernoite, atividades de lazer, atividades de trabalho e uso de drogas.

Em relação às atividades de higiene pessoal, verificou-se que os adolescentes realizam seus cuidados em vários lugares, dos quais destacam-se os locais públicos e a própria casa, para aqueles que só frequentam o espaço da rua durante o dia para exercer atividade de trabalho. Encontraram-se também jovens que afirmaram não possuírem o hábito da higienização.

“Isso é difícil, banho só no chuveiro da praia e às vezes”. (Colaborador 01)

“Tomo banho lá na balança [dos pescadores].” (Colaborador 02)

“Eu não tomo banho, às vezes eu ganho uma roupa nova, aí eu troco”. (Colaborador 04)

“Eu tomo banho em casa”. (Colaborador 06)

Sobre a alimentação, foram perceptíveis as dificuldades para conseguir alimentos, porém, os adolescentes encontram mecanismos próprios para suprir essa necessidade diariamente, tais como: pedir em

semáforos de trânsito, barracas, restaurantes e mercados; comprar com o dinheiro que ganham trabalhando na rua; ou fazer as refeições em casa.

“Eu peço nos restaurantes, às vezes minha mãe arruma, e às vezes eu compro com o dinheiro que me dão”. (Colaborador 01)

“Eu peço e como nas calçadas dos restaurantes mesmo”. (Colaborador 02)

“Quando estou na rua eu peço dinheiro, ou pego das vendas e como ali nas barracas”. (Colaborador 06)

“Em casa, e na rua com o dinheiro que eu ganho”. (Colaborador 07)

Quando questionados sobre o pernoite, alguns afirmaram dormir na própria rua, situação que os expõem a diversos riscos, relatando medo, preocupações e incertezas de onde dormiriam no outro dia; outros, afirmaram dormir todos os dias em suas residências, geralmente com seus familiares.

“Durmo nos barracos que a minha família monta, às vezes vem pessoas e mandam a gente desmontar a barraca e nós vamos para outro lugar”. (Colaborador 01)

“A noite é o pior de estar na rua, porque a pessoa fica com medo de alguém vir fazer algum mal”. (Colaborador 03)

“Eu durmo aqui na rua, nessa calçada”. (Colaborador 04)

“Eu durmo em casa”. (Colaborador 07)

Em relação às atividades de lazer, os adolescentes relataram duas situações distintas: a primeira foi não possuírem tempo para elas; a segunda foi realizarem esporadicamente alguma atividade definida por eles como “brincar”, que pôde ser caracterizada como atividade de lazer.

“Não! Tenho tempo de brincar não”. (Colaborador 02)

“Eu brinco às vezes de derrubar o muro do povo, de chutar lixo”. (Colaborador 07)

“Só brinco com meu cachorro negão”. (Colaborador 01)

Sobre as atividades de trabalho, estas são sempre informais e a renda gerada frequentemente se soma a renda

dos pais ou responsáveis para garantir as necessidades básicas da família. Outros relataram não trabalhar por achar mais fácil e prático pedir no semáforo.

“Trabalho lavando carro”. (Colaborador 05)

“Eu trabalho até umas cinco horas [17h], depois vou para casa dormir”. (Colaborador 06)

“Nem trabalho e nem quero, pedindo no semáforo eu ganho dinheiro”. (Colaborador 04)

Ainda acerca do cotidiano nas ruas, foi relatado o uso de drogas como uma atividade presente para alguns ou que já fez parte do cotidiano para outros. Segundo eles, o uso teve início por influência de terceiros, porém, afirmam terem deixado de consumir ou consumir sozinhos, com a frequência de duas a três vezes por semana. A maconha, cocaína e o crack foram as drogas que apareceram nos discursos.

“Eu uso só o crack mesmo, mas eu parei depois que fui preso. A policial me viu usando e me levou (risos), me pegou pelas orelhas”. (Colaborador 04)

“Eu uso crack, duas ou três vezes por semana, sozinho mesmo, compro só e uso só”. (Colaborador 05)

“Eu usava pó e maconha, com meus amigos da rua”. (Colaborador 06)

Referência familiar

Nesta última categoria, abordam-se as referências familiares presentes ou não na vida dos adolescentes e a frequência com que eles têm contato com as mesmas.

Quando questionados onde se encontravam as suas famílias, houve uma variedade de respostas que permitiu, para melhor compreensão, subdividir essa temática naqueles que mantêm contatos familiares frequentemente,

“Minha família está aqui comigo na rua”. (Colaborador 01)

“Eu nunca sai de perto da minha família, sempre fiquei aqui com eles”. (Colaborador 03)

“Eu moro com a minha mãe e meus irmãos”. (Colaborador 06)

“Eu vejo minha família todo dia”. (Colaborador 08)

Aqueles que mantêm contatos esporádicos,

“Tem muito mais de uma semana que eu não vejo minha família”. (Colaborador 02)

E os que não mantêm contato com familiares,

“Não sei onde está a minha família. Sei que mora em Ipioca e o nome da minha mãe é Ana”. (Colaborador 04)

A partir das entrevistas foi possível identificar adolescentes que viviam com as suas famílias e buscavam sustento em atividades de trabalho informais no contexto da rua; outros que estavam aos poucos rompendo ligações de moradia com a família; e, por fim, os que tinham na rua seu hábitat principal, substituindo a família como um elemento essencial de apoio e sociabilidade.

Quando indagados sobre como avaliavam a sua relação com a família, trouxeram conteúdos que podem remeter, mesmo que superficialmente, à qualidade dos vínculos, aqui agrupados em: bons, instáveis e ruins.

“Meu relacionamento com a minha família é bom, graças a Deus”. (Colaborador 03)

“Minha relação é boa, ela [a mãe] é brava, aí a gente se comporta, mãe é mãe né? Ela é ruim às vezes, mas tem que respeitar”. (Colaborador 07)

“É normal! Eles só brigam quando eu uso drogas, minha mãe me bate, meu avô me xinga o tempo todo”. (Colaborador 01)

“É bom, só que a gente briga muito, eles não me querem perto”. (Colaborador 02)

“Era ruim porque ela [mãe] não me ouvia, só acreditava no marido dela”. (Colaborador 04)

“Eles são muito chatos, meu pai e minha mãe. A gente briga muito quando está junto, por tudo é uma briga”. (Colaborador 05)

“É ruim, a gente briga muito, eu grito com a minha mãe, ela me bate e eu saio para rua”. (Colaborador 06)

“É ruim, discutimos muito, para evitar eu saio e só volto à noite”. (Colaborador 08)

DISCUSSÃO

Para a discussão, os resultados brutos foram tratados de maneira a serem significativos e válidos, como orienta Bardin¹⁹, colocando as informações em relevo, e a partir disso, tendo como pano de fundo os objetivos previstos, foram propostas inferências e interpretações articuladas aos referenciais teóricos que dão sustentação à investigação.

Em relação aos motivos de ida para a rua, na análise aprofundada das falas dos entrevistados, foi possível detectar que, por vezes, aquilo que é compreendido pelos participantes como escolha própria, está inserido em um contexto marcado por relações familiares precarizadas, trajetórias de vida envoltas em uma série de violações e tentativas de sobrevivência.

Desse modo, a causalidade da situação de rua não deve ser considerada como vontade própria de forma isolada, mas sim como resultante de múltiplos fatores que trouxeram impacto ao indivíduo e o fizeram realizar como julgamento adequado deixar o lar. Neste caso, a ida para a rua também é ditada pelo modo como o adolescente assimila as suas condições de vida e constrói as suas representações e significações²⁰.

Outro fator evidenciado pela pesquisa, foi a ida para às ruas motivada pela necessidade de acompanhar a família, essa situação possibilita a inferência de que são determinantes, por exemplo, a falta de suportes materiais básicos de sobrevivência da família e as influências socioculturais vivenciadas no cotidiano, para os quais adentrar no contexto da rua é tido quase como algo natural e inevitável, uma vez que as mudanças sociais contemporâneas que afetaram a família a colocaram em dificuldades de sobrevivência, fragilizando vínculos e relações significativas, resultando muitas vezes na partida da família por inteiro para a rua.

Importante ressaltar que um adolescente, sujeito desse estudo, já nasceu em situação de rua, de modo que trajetórias de vulnerabilidades, vivenciadas por seus pais, antecedentes ao seu nascimento não os deixou outra opção senão a vida nas ruas. Nesse caso, não houve o processo de adentrar a situação de rua, pois ele nunca teve a vivência de um lar, conhece apenas a vida na rua como modo de existência e sociabilidade.

Também foram identificadas situações de violência como determinantes do desabrigo. Nesses casos, infere-se que a família, imersa em diversas carências decorrentes da sua condição de pobreza e vulnerabilidade, acabou perdendo a sua função protetiva para estes adolescentes e os expôs a mais riscos, impelindo-os para a vida na rua²¹.

Nesses casos, a fuga de casa se deu como forma de evitar uma situação que para os sujeitos da pesquisa foi considerada insustentável, a exemplo do Colaborador 04. Contudo, essa fuga do lar implica no atendimento a necessidades as quais muitas vezes eles não estão prontos para suprirem sozinhos, como a procura de um abrigo, comida e até mesmo segurança.

Assim, o estudo apontou que os motivos que levaram os adolescentes entrevistados a irem para a rua são variados, incluindo desde uma situação imposta no nascimento até rupturas nos contextos familiar ou social. Apesar de o grupo estudado ter sido pequeno e, tendo sido considerado as particularidades de cada um, não se pode negar a existência de algumas regularidades apontadas pela literatura^{15,16} quanto aos motivos envolvidos com a causa de estarem nas ruas, como a pobreza e a violência doméstica.

Importante salientar que não houve menção, por parte daqueles que dormem na rua (“meninos de rua”), sobre a busca de instituições de acolhimento que ofertam serviços de pernoite às pessoas em situação de rua. Esse dado impele a interrogar a razão dessa constatação, uma vez que esses dispositivos podem ser uma opção mais segura para dormir, protegendo-os dos riscos da noite na rua, além de suprirem outras necessidades básicas e possuírem equipes multiprofissionais que podem facilitar o acesso a diversos direitos sociais. Tal fato pode ser interpretado a partir do conhecimento de alguns problemas de acessibilidade dos serviços de acolhimento, tais como: existência de regras rígidas de convívio interno aos quais alguns não se adaptam; número insuficiente de vagas; distância em relação aos locais por onde essas pessoas passam o dia em busca de recursos para sobrevivência^{14,22}.

Outro aspecto evidenciado nas entrevistas foi a relação entre a necessidade de busca de trabalho e renda e a baixa escolaridade. Segundo esses colaboradores, a busca de uma renda nas ruas se dá por diversos motivos, tais como: suprir carências materiais do lar; desejo de comprar coisas para si que os pais não podem dar; cotidiano pobre em atividades significativas para si no contexto do lar; e a ausência de atividades de educação e lazer para uso do tempo.

Interessante apontar que, conforme evidenciado nos resultados, a inserção em uma instituição religiosa também pode impulsionar o trabalho nas ruas.

Apesar de o trabalho infantil não ser o foco deste estudo, chama-se a atenção para as implicações do mesmo na vida desses jovens, pois pode se configurar como um fator de risco que tende a agravar as vulnerabilidades

e a reproduzir condições precárias de vida e trabalho no futuro. Ao trabalhar nas ruas, o adolescente está sendo preparado para o desemprego, para as atividades informais e para a condição de subcidadania, fechando-se as possibilidades de desenvolvimento educativo e profissional para o ingresso em atividades qualificadas e formais que possam garantir um futuro digno.

Nesse sentido, Souza²³ afirma que,

A pressão para colaborar na renda familiar é um dos fatores que fomentam a baixa escolarização dos adolescentes brasileiros. A combinação de baixa escolaridade e de inserção precária no mundo do trabalho resulta em obstáculos duradouros para o futuro profissional dos adolescentes brasileiros, contribuindo para a manutenção da sua exclusão social, da violação de seus direitos e da desproteção social (p.43).

Ressalta-se a precocidade da vida adulta para esses adolescentes. A maioria desconhece atividades de lazer ou não as consideram como importantes para si, pois estão sempre preocupados em adquirir recursos para a sua sobrevivência e dos seus familiares. O convívio com as vulnerabilidades é bastante acentuado na rotina, uma vez que eles migram de um ponto a outro, circulam pelo espaço urbano e estabelecem relações que oscilam entre a proteção e o risco.

Sobre a referência familiar, constatou-se que parcela significativa dos participantes do estudo (06) não se encontram abandonados ou sozinhos, pois sempre se mantêm próximos a um ponto de referência ou grupo familiar, de modo que o fato de estarem na rua não implica, necessariamente, na inexistência de contatos familiares.

Nesse sentido, no contexto da rua, caracterizado pelas situações de risco, a presença da família na vida dos adolescentes, mesmo que de forma distante, é um diferencial, uma vez que esta pode proteger de algumas situações e facilitar o acesso a recursos para a sobrevivência de seus membros. Por outro lado, aqueles que, como no caso do colaborador 06, vivem na rua com a família, podem se ver impulsionados a permanecer nesse contexto, como coloca Riziini¹², a presença de algum afeto, a sensação de segurança e proteção, de interdependência, lealdade e solidariedade, advindas das relações familiares, contribuem para que os adolescentes permaneçam com seus familiares no contexto da rua.

Também foram encontradas situações em que os adolescentes faziam contato familiar de forma esporádica, e os motivos provinham, em geral, das

condições desfavoráveis da estrutura e dinâmicas às quais as suas vidas estavam submetidas. Esse fato, leva à inferência de que a diminuição da frequência dos contatos com a família pode, ao longo do tempo, acarretar em ruptura total dos vínculos familiares, colocando esses jovens em situação de exclusão ainda maior. Neste estudo, foi encontrado um adolescente que já havia passado por tal processo de ruptura.

Quando os conflitos se agravam pela situação de carência econômica e assistencial, a família não consegue suportar tais conflitos e tensões e passa de ideal a problema. Trata-se de situações originadas do lugar social que essas pessoas ocupam, fugindo da sua esfera de influência e controle, de modo que seus membros se sentem além de desorientados, sobretudo desprovidos de suporte mínimo material e simbólico necessário para construção de boas referências familiares²⁴.

Assim, deve-se relativizar a ideia de abandono por parte das famílias desses adolescentes, uma vez que alternativas de acompanhamento do desenvolvimento de seus filhos possivelmente foram buscadas, restando investigar no seu contexto familiar mais extenso, os fatores que romperam essa expectativa e puseram em andamento um processo expulsivo⁷.

A dificuldade em qualificar os vínculos familiares dos adolescentes que vivem em situação de rua reafirma a fragilidade ou ausência de proteção familiar. Contudo, considera-se importante investigar este aspecto, na tentativa de compreender em que medida tais vínculos constituem forças de caráter inclusivo e protetivo ou expulsivo e de risco.

Neste estudo, cinco adolescentes qualificaram a relação com a sua família como boa, mesmo diante das adversidades e de alguns episódios de discussões e brigas. Em contrapartida, quatro adolescentes avaliaram o seu relacionamento com a família como ruim, relatando episódios frequentes de violência doméstica, o que favorecia, para alguns, a saída para a rua por um período de tempo, seguido de seu retorno para o lar, quando a situação era para eles considerada suportável.

Apesar de o estudo ter abordagem qualitativa e, portanto, as interpretações quantitativas não terem significação nos resultados, a percepção de um equilíbrio entre aqueles que percebem como boas as relações familiares e aqueles que têm uma percepção negativa dessas relações, nos faz inferir que não são apenas as situações de conflitos mais evidentes que determinam a saída para as ruas.

Os dados coletados permitiram refletir sobre alguns dos aspectos que envolvem a ida para a rua e

cotidiano desses adolescentes. Este processo, para maior parte do grupo estudado, inicia-se pela escassez de recursos materiais, sociais e afetivos no lar, condições estas que geraram uma fragilidade da capacidade protetiva dessas famílias, desencadeando sucessivas rupturas que os levaram à situação de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar aspectos da problemática da adolescência em situação de rua, aqui em particular sobre o cotidiano a as referências familiares, torna-se relevante, à medida que a elucidação de determinados aspectos verificados pode contribuir para o trabalho mais aprofundado junto a essa população.

Apesar das limitações para generalização dos dados aqui discutidos, pelo fato de o grupo estudado ter sido composto por apenas nove adolescentes e todos de uma única região administrativa acompanhada pelas equipes da Abordagem Social, o estudo possibilitou uma aproximação ao universo da adolescência em situação de rua em Maceió, levantando dados sobre a causalidade desse processo e do cotidiano nas ruas. Questões sobre as relações familiares, apesar de pontuadas aqui, necessitariam de estudos mais aprofundados visando melhor compreender a dinâmica e a multiplicidade dos vínculos familiares desses jovens, investigando-se as trajetórias de idas e vindas até estas se fixarem no contexto da rua.

No entanto, esta pesquisa permitiu refletir sobre a necessidade de romper com a ideia de que adolescentes em situação de rua não possuem vinculação ou referência familiar, pois, mesmo que o vínculo não seja forte suficiente para retirá-los da rua, na maioria dos relatos, ele se fez presente. Evidencia-se também que a situação de rua é determinada por fatores estruturais e sociais, que fogem ao controle desses jovens e de suas famílias, não cabendo, portanto, realizar julgamentos morais no sentido de culpabilizá-los por tal condição.

Os relatos colhidos durante as entrevistas revelam a fragilidade do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. Esses jovens se expõem cotidianamente a conflitos e riscos, realizando uma batalha diária para suprir as suas necessidades básicas e vivendo com a incerteza de como será o amanhã. Diariamente sofrem novas rupturas sociais, à espera de uma rede de apoio assistencial que os ajude a criar condições e capacidades para maior participação social, em igualdade de direitos, para si e suas famílias.

REFERENCIAS

1. Rizzini I, Rizzini I. Menores institucionalizados e meninos de rua. In: Fausto A, Cervini R, organizadores. O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez; 1996. p.17-45.
2. Valladares LP, organizador. A infância pobre no Brasil. Uma análise da literatura, da ação e das estatísticas. Relatório de Convênio Fundação Ford/IUPERJ. Rio de Janeiro: IUPERJ; 1988.
3. Martins AR. Uma tipologia de crianças e adolescentes em situação de rua baseada na análise de aglomerados. *Psicol Reflex Crit.* 2002;15(2):251-260. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722002000200003>.
4. Alves-Mazzotti AJ. Representações sociais de meninos de rua. *Educ Realidade.* 1997;22(1):183-207. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71471>.
5. Martins RA. Crianças e adolescentes em situação de rua: definições, evoluções e políticas de atendimentos. In: Koller SH, organizador. Aplicações da psicologia na melhoria de qualidade de vida. Porto Alegre: ANPEP; 1996. p.35-44.
6. UNICEF. Situação da infância e da adolescência brasileira: o direito de aprender potencializar avanços e reduzir desigualdades. Brasília, DF; 2009 [citado 2 fev. 2017]. Disponível em: <https://www.unicef.org/sitan/files/SitAn_SitAn_2009_The_Right_to_Learn.pdf>.
7. Gregori FM. Desenhos familiares. São Paulo: Editora Alegro; 2002.
8. Castel R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 2005.
9. Gontijo DT, Medeiros M. Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. *Cien Saúde Coletiva.* 2009;14(2):467-75. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200015>.
10. Ferreira PMF. Crianças e adolescentes em situação de rua e seus macro determinantes. *Saúde Soc.* 2011;20(2):338-49. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000200007>.
11. Melo RE. Crianças e adolescentes em situação de rua: direitos humanos e justiça. São Paulo: Malheiros editores; 2011.
12. Rizzini I. Vidas nas ruas. In: Rizzini I, organizador. Vidas nas ruas: trajetórias inevitáveis? São Paulo: Loyola; 2003. p.17-35.
13. Escorel S. Vidas ao léu: trajetórias da exclusão social. Rio de Janeiro: Fiocruz Editora; 1999.
14. Bezerra WC, Firmino GCS, Javarrotti ES, Melo JV, Calheiros PFF, Silva RGLB. O cotidiano de pessoas em situação de rua: rupturas, sociabilidades, desejos e possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional. *Cad Ter Ocup UFSCar.* 2015;23(2):335-46. <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0541>.
15. Andrade FS. Cotidiano, trajetórias e políticas públicas: crianças e adolescentes em situação de rua em Vitória da Conquista, Bahia (1997-2007) [Dissertação]. São Paulo: Pontificia Universidade Católica; 2008.
16. Brasil. Meta Instituto de Pesquisa de Opinião. Primeira Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. Convênio nº 724549/2009 firmado entre a Secretaria de Direitos Humanos (SDH) e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável (IDEST) [citado 2 fev. 2017]. Disponível em: www.promenino.org.br.
17. Gomes T, Barros J. Crianças e adolescentes são 30% do total de moradores de rua em Maceió. *Gazetaweb.* 2014 jul 29 [citado 8 fev. 2017]. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/porta/noticia-old.php?c=374355&e=6>.
18. Stake ES. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso; 2011.
19. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed 70; 2011.
20. Melo T. A rua e a sociedade: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da população em situação de rua [dissertação]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2011. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/porta/ppga/files/2012/04/A-Rua-e-a-Sociedade-Melo-Completa2.pdf>.
21. Paludo SS, Koller SH. Toda criança tem família: criança em situação de rua também. *Psicol Soc.* 2008;20(1):42-52. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100005>.
22. Silva MLL. Trabalho e população em situação de rua no Brasil. São Paulo: Cortez; 2009.
23. Souza TY. Adolescência e juventude: questões contemporâneas [Módulo I do curso Núcleo Básico em Socioeducação]. Brasília, DF: Escola Nacional de Socioeducação, Universidade de Brasília; 2015.
24. Rosa MD. Adolescência: da cena familiar à cena social. *Psicol USP.* 2002;13(2):227-41. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200013>.

Recebido em: 16.03.16

Aceito em: 20.03.17